



Um pensar sobre a divulgação científica

Marcio Peron Franco de Godoy¹

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

mgodoy@ufscar.br

RESUMO: Este breve artigo exhibe uma discussão ampla sobre as noções de divulgação científica que pensamos ao estabelecer a Revista da SBFoton como veículo de comunicação a um público mais amplo da sociedade. O objetivo é elencar, para os não-iniciados, as diferenças entre as abordagens encontradas e o papel relevante que cientistas e pesquisadores podem exercer na divulgação da ótica e fotônica.

Palavras-chave: Revistas. Divulgação. Ótica. Fotônica.

ABSTRACT: This brief article presents a broad discussion of the concepts of scientific dissemination we considered when establishing the “Revista da SBFoton” as a communication vehicle for a broader public. The objective is to highlight, for the uninitiated, the differences between the approaches adopted and the important role that scientists and researchers can play in the dissemination of optics and photonics.

Keywords: Journals. Dissemination. Optics. Photonics.

<http://doi.org/10.5281/zenodo.16618577>



Comunicar avanços científicos e tecnológicos de maneira clara e eficiente, porém sem perder a sobriedade e a riqueza dos fenômenos associados é um dos grandes dilemas da divulgação científica ao público geral. Muitas vezes, os canais de comunicação empregam bons comunicadores na linguagem escrita ou falada, com profissões variadas como jornalistas, educadores, cientistas e pesquisadores. Cada formação apresenta suas vantagens e desvantagens ao exercer este papel. Profissionais da área de comunicação englobam em sua formação o domínio das formas de linguagem que tornam o texto atraente a determinado público, além do acesso a veículos e mesmo recursos que atingem uma audiência maior como, por exemplo, veículos comerciais. Uma desvantagem é não dominar completamente os fundamentos naturais envolvidos, que pode, de alguma maneira, impactar na propagação de erros conceituais. Os educadores de áreas específicas unem, por outro lado, a capacitação em comunicação ao conhecimento científico com um viés didático, relacionado à pedagogia em sua formação. Entretanto, a baixa remuneração de suas atividades os obrigam a atuar tão somente em sala de aula, com escassos períodos para se qualificar ou utilizar na redação de divulgação científica que não esteja atrelada a sua aula. Por fim, cientistas e pesquisadores possuem o conhecimento técnico em um nível mais elevado e, por vezes, isto acarreta dificuldades para comunicar-se em um nível mais elementar, ideal para a divulgação científica. Um exemplo seria explicar o fenômeno de ressonância em texto corrido, talvez até utilizando-se de um equacionamento simples, porém sem resolver uma equação diferencial de segunda ordem ou algo do tipo.

Porém, não se pode deixar de reconhecer a importância do conhecimento técnico aprofundado para uma visão crítica da notícia divulgada. Isto é recorrente no meio acadêmico, onde a principal forma de reportar resultados é através de publicações técnico-científicas na forma de artigos ou comunicações em congressos. A publicação de um resultado em revistas de renome internacional envolve um processo que exige uma redação e apresentação adequadas e de um intenso e rigoroso processo de avaliação entre pares (*ad-hoc*). O trabalho, geralmente escrito em língua inglesa, é avaliado por revisores de forma anônima, garantindo assim uma leitura crítica independente em busca de erros, sistemáticos ou não, validando-o do ponto de vista técnico e ainda no nível que a revista postulada exige. Este é um processo que pode tornar-se extenso, e



algumas vezes inglório, e mesmo uma qualidade técnica impecável e uma conclusão bem embasada nos resultados não são garantias de êxito ao depender do escopo da revista em questão. Porém, para o acadêmico, a publicação é o *grand finale* de um trabalho que muitas vezes envolveu a colaboração de muitos pesquisadores somado ao tempo de coleta de dados, interpretação e compilação de resultados que facilmente estende-se de meses a anos.

Dividir estas atividades com tarefas administrativas e de captação de recursos torna a redação de artigos de divulgação a um público mais amplo um trabalho adicional que, geralmente, não é tão reconhecido e possui, desta maneira, um apelo profissional muito restrito. Não é à toa que emerge um novo tipo de atividade profissional obtida através de uma formação em nível de pós-graduação mais devotada, como as obtidas em cursos de especialização em divulgação científica, oferecida em muitas universidades de renome.

Não se pode deixar de reconhecer a contribuição dos diversos veículos comerciais para a divulgação de ciência e tecnologia e que acabam incentivando a opção por estas carreiras especialmente em cadernos e seções presentes em jornais e blogs de notícia. Como a gama de assuntos nestes veículos é grande devido aos diversos interesses (política, esportes, cotidiano, etc.), estas seções dedicam-se mais a assuntos que chamem a atenção por aspectos curiosos ou que possuam uma aplicabilidade inédita ou imediata. Outros veículos são mais devotados, como algumas revistas que possuem décadas de atividade, como a Superinteressante (desde 1987), a Ciência Hoje (1982), a Galileu (1991) e a versão brasileira da revista *Scientific American* (desde 1845 nos EUA e no Brasil desde 2002), dentre outros que peço por não mencionar. No corpo editorial destas publicações há diversos atores das mais variadas profissões que se empenham na produção de notícias. Mas sempre é importante ressaltar que, como negócio, as notícias devem gerar interesse abrangente, o que pode ocasionar textos com conteúdo um pouco superficiais devido a fatores diversos como espaço disponível, interesse do público-alvo, demanda de anunciantes, dentre outros.

Como contraponto, porém com menor visibilidade, revistas associativas emergem como outro caráter para a divulgação de conhecimentos específicos. Algumas destas publicações estão associadas a universidades, como a “Sapiens” (UEMG), a



“Revista de Divulgação do PPGBIO” (UniRio), a “A ciência como ela é” (UFRGS), dentre outras. Passear por estas revistas providencia uma visão salutar do rico ambiente universitário que pode ficar oculto da sociedade. Outras iniciativas interessantes são as revistas elaboradas por agências de fomento, como as agências estaduais de amparo à pesquisa, como a “Minas faz Ciência” (FAPEMIG) e a “Revista da FAPESP” (FAPESP). Esta última possui um formato profissionalizado condizente com os recursos investidos na fundação graças a dispositivos institucionalizados na constituição paulista de 1989 e que movimenta a pesquisa no estado.

Não podemos deixar de mencionar no âmbito de divulgação científica o papel das mídias sociais, que atualmente engajam e permeiam o mundo digital com novidades, entretenimento, recursos visuais, sonoros e alguma dose de humor, que contribuem para uma ampla propagação de notícias. Porém, diferentemente dos outros veículos mencionados, elas não possuem um mecanismo de verificação, seja um consultor *ad hoc* ou um corpo editorial, estando exposta à desinformação ou a critérios dissonantes em relação à ciência, por exemplo, o engajamento para “*monetização*”. Curiosamente, fatos e notícias inverídicas ou fantasiosas são mais susceptíveis ao engajamento, ainda que sejam no sentido de desmentir.

Isto reforça o papel que os principais atores do desenvolvimento técnico-científico possuem neste processo complexo e laborioso que congrega a disseminação de descobertas, conceitos antigos e novos, que sirvam de motivação para o ingresso na carreira e justifique, perante o contribuinte, os recursos empregados em um panorama em que diversos interesses se sobrepõem na luta para um orçamento que geralmente advém de fontes públicas. Apesar do potencial da ótica e fotônica serem óbvios para profissionais da área, grande parte da sociedade não o compreende, seja por desconhecimento de seus fundamentos, seja pela dificuldade de percepção de seu emprego nas inovações tecnológicas. No exterior, a divulgação específica deste campo é alavancada por associações fortes, com um caráter hoje mais internacionalista, como a *Optica* (antiga *Optical Society of America – OSA*) e a *SPIE* (*Society of Photography Instrumentation Engineers*). No país, a “Revista da SBFoton” espera, com certa ambição, consolidar-se como um veículo pujante para a divulgação da ótica e da fotônica no país, contando com o apoio de associados e interessados no tema e associando seus artigos



a um ISSN e identificador digital (*doi*) específicos para reconhecimento desta atividade tão importante nos dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Alexandre Pohl pelo apoio na consolidação da ideia da Revista da SBFoton e a todas as pessoas que contribuíram como autores nos primeiros seis volumes da revista.